

GOETHE E A TRAGÉDIA DE GRETCHEN: UM ESTUDO SOBRE A MORAL¹

Luciene Antunes Alves²

RESUMO: As seis décadas da construção do *Fausto* de Goethe amalgamaram arte, cultura, vida, ciência e movimentos como o romantismo e o classicismo de Weimar. Crítico de sua época e de vários temas artístico-filosóficos, Goethe buscará na modernidade e na Grécia clássica não somente a pureza e a beleza das formas para enriquecimento de seus escritos, mas também a análise e a problematização da *moral*. E será especificamente na tragédia de Gretchen que o poeta tentará elaborar preceitos éticos fora dos padrões estabelecidos pela “esfacelada” Europa moderna (iluminista). Assim sendo, é nesse contexto que nosso trabalho será constituído. Tentaremos definir a possibilidade de uma *moral* no *Fausto I* de Goethe e ao mesmo tempo mostrar como o poeta nos conduz a questionar a moralidade kantiana, isso porque na tragédia tal assunto parece se estender ao sensível e ao desejo (talvez pela influência da filosofia de Rousseau) e em Kant, como se sabe, a *moral*, assim como a liberdade, é plena quando puramente ligada aos princípios categóricos da razão. Dessa forma, veremos até que ponto Goethe adere aos ideais de Kant para melhor operar com a *moral* no drama de Gretchen.

Palavras-chave: Tragédia. Desejo. Moral. Razão. Liberdade

ABSTRACT: The six decades of the construction of the Goethe's Faust amalgamated art, culture, life, science and movements like romanticism and classicism of Weimar. Critical of his time and of various artistic and philosophical themes, Goethe seeks in classical Greece and in the modernity not only the purity and beauty of forms to enrich his writings, but also the analysis and questioning of moral. And it is specifically in Gretchen's tragedy that the poet tries to develop ethical precepts outside the standards set by "decadent" modern Europe (enlightened). Therefore, it is within this context that our work will be made. We will try to define the possibility of a moral in Goethe's Faust I and, at the same time, show how the poet leads us to question the Kantian morality, this because in the tragedy this issue seems to extend to the sensitive and to the desire (perhaps through the influence of Rousseau's philosophy) and in Kant, as it is known, the moral as well as the freedom are complete when purely linked to categorical principles of reason. Thus, we will see to which extent Goethe adhered the ideals of Kant in order to better operate with the moral in Gretchen's drama.

Keywords: Tragedy. Desire. Moral. Reason. Freedom

¹Este trabalho faz parte de minhas investigações oriundas da dissertação intitulada *A tragédia de Gretchen: sujeito e liberdade no Fausto de Goethe*, sob a orientação da profa. Dra. Arlenice Almeida da Silva.

²Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) – Guarulhos, Brasil. *E-mail:* luantunesa@gmail.com. Atualmente leciono a disciplina TEPE (Tópicos Especiais em Projetos Educacionais – Filosofia) no Colégio de Aplicação (Centro Pedagógico) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

A tragédia de Goethe e o debate com a modernidade

Para a composição de seu poema-trágico – *Fausto* –, Goethe estabelece diálogos que passam por poetas como Homero, tragediógrafos (Eurípedes, Sófocles, Ésquilo), neoplatônicos (Orígenes de Alexandria e Plotino), iluministas franceses (Montesquieu, Voltaire, Diderot e Rousseau), pensadores como Hegel e Schiller, a escritores como Balzac e Calderón. No entanto, nesse amplo diálogo e nessa rica diversidade cultural, não vimos o poeta alemão firmar laços consistentes com seu contemporâneo Kant. Apesar de Goethe nunca deixar de amalgamar ideias que considera importantes ao seu modo de observar e atentar para as coisas, com o filósofo alemão podemos dizer que houve mais divergências (indiretas) do que uma harmonia de pensamentos. É muito provável que esses desacordos tenham ocorrido pela forma categórica e racional com que Kant analisa seus preceitos, principalmente em se tratando da moral. Isso não quer dizer que o método kantiano seja errôneo, mas, para o contexto no qual Goethe insere-se, não atendia suas considerações, uma vez que, antes de qualquer coisa, a perspicácia de visão de Kant consiste em não considerar o homem em si, que pensa ou que somente sente, mas o humano de maneira ampla, em todos os sentidos e esferas.

Segundo Gallo, Goethe reprova os exageros filosóficos de Kant, o que acentua ainda mais a dessemelhança entre os dois pensadores: “Goethe condena o excesso de filosofia teórica nos alemães, e é sobre esse ponto que tem as maiores discordâncias com Schiller. [...] Schiller se impregnou de Kant, enquanto Goethe não demorou mais que poucas horas diante do filósofo de Königsberg”³. Schiller, mais próximo das ideias de Kant, até tentou argumentar com Goethe a favor do filósofo, defendendo a metafísica, mas, de acordo com Gallo, o poeta teria respondido para o seu amigo: “[...] Se posso ter bons pensamentos, sem tanto esforço, sorte minha!”⁴. A questão que se estabelece para Goethe não é de um kantismo limitado ou incongruente, mas “Kant pareceu abstrato demais ao autor do *Fausto*. Para a concepção cósmico-ocultista de Goethe, a ‘coisa-em-si’ absoluta, como a queria Kant, além do conceito, era um sonho impossível e uma perda de tempo, além de incompreensível”⁵. E, como já é sabido, Goethe não era afeito à filosofia – metódica e ordenada – e, por mais que do saber e do conhecimento fizesse uso, como vemos no *Fausto*, não era simpático à reflexão filosófica e, apesar de ser “um observador crítico de seu povo”⁶, afirmara a Eckermann

³GALLO. *A liberdade de Goethe*, p. 08.

⁴GOETHE apud GALLO, *ibidem*, p. 41.

⁵*Ibidem*, p. 08, grifo do autor.

⁶*Ibidem*, p. 09.

em uma de suas conversas: “[...] Os alemães que são homens de negócios e de ação e se interessam pelas coisas práticas, são os que escrevem melhor. Assim o estilo de Schiller é mais esplêndido e emocionante quando não filosofa”⁷. Filosofar, para o poeta alemão, não possui o mesmo sentido como para os filósofos (principalmente seus contemporâneos – Hegel, Fichte, Schelling e outros); para Goethe, “filosofar tinha que ser algo mais natural e menos sistemático, menos teórico e abstrato. A visão naturalista de Goethe impedia-o de ver o ser apenas intelectivamente”⁸. Nesse sentido, filosofar, para o poeta, deveria ser ao modo de Rousseau, em que, além da razão, vigora também a intuição e os sentimentos.

Como herdeiro das reflexões de Rousseau⁹, não era fácil para Goethe entender e simpatizar-se com os desígnios de Kant, apesar de o filósofo ser um “dos primeiros a afirmar que o pensamento de Rousseau segue um plano racional”¹⁰ e bem coerente:

[...] Aqueles que o acusam de contradizer-se não o compreendem. Rousseau, segundo Kant, não apenas denunciou o conflito da cultura e da natureza, mas procurou-lhe a solução. Rousseau esforçou-se em pensar as condições de um progresso da cultura “que permitisse à humanidade desenvolver suas disposições (*Anlagen*) enquanto espécie moral (*sittliche Gattung*) sem desobedecer à determinação [...] de modo a superar o conflito que a opõe a si mesma enquanto espécie natural [...]”. Reencontramos a natureza no momento em que a arte e a cultura atingem seu mais alto grau de perfeição: ‘A arte consumada torna-se novamente natureza’¹¹. O que Kant chama de arte é a *instituição* jurídica, a ordem livre e racional a que o homem decide conformar sua existência¹².

A despeito de algum interesse e do elogio pelas ideias de Rousseau, Kant não concordava em absoluto com tais reflexões, como podemos observar nesta análise de Cassirer:

⁷GOETHE apud ECKERMANN. *Conversações de Goethe com Eckermann*, p. 85.

⁸GALLO. *A liberdade de Goethe*, p. 09.

⁹Goethe, desde a sua juventude, obtém um contanto maior com a filosofia rousseauiana, sobretudo quando ingressa na Universidade de Leipzig, em 1765. Como Rousseau, Goethe procura encontrar-se e, somente depois, olhar para o mundo. São os sentimentos que conferem ao poeta mais aperfeiçoamento de si mesmo e de um “alto grau de humanismo” (SCHWEITZER. *Goethe quatro discursos*, p. 51), creditando e valorizando, no homem, sentimentos como a bondade, o amor e a benevolência. Esse ideal do homem puro tornou-se mais firme com os estudos de Goethe na Universidade de Estrasburgo e se acentuou “nos anos de estadia em Weimar” (Ibidem, p. 133). Já quando se refere ao tema da natureza, Goethe confirma a herança de Rousseau, ressaltando, ao mesmo tempo, uma natureza expressiva e um fundamento do homem para tudo o que deva ser e produzir. Essa nítida relação entre os autores, revela que Goethe aprofunda-se no tema da natureza e, com base nele, constrói um Fausto racional, mas intimamente ligado a um ambiente bucólico – o único que lhe fornece energia suficiente para confrontar seu ser natural com o seu ser social historicamente constituído e perceber uma razão humana opressora e limitada. E é esse confronto que o aproxima também da crítica de Rousseau em relação ao ser social e o natural.

¹⁰STAROBINSK. *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*, p. 43.

¹¹KANT apud STAROBINSK, p.43.

¹²STAROBINSK. *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*, p. 43.

Kant se sentiu fortalecido por Rousseau em relação à desconfiança do ideal de “beautiful soul” (bela alma) enfatizado pela ética do século XVIII. Portanto, o filósofo não rejeitou este ideal, mas declarou que de lá não poderia ser derivado nenhum princípio para a fundação científica e filosófica da ética. Para tal princípio, Kant procurou não na beleza do sentimento, mas na sublimidade da vontade¹³.

Ainda segundo Cassirer, o que aproximava Kant novamente dos ideais de Rousseau não era a questão do sentimento ou da natureza; mesmo com todas as qualidades paradoxais e entusiastas do filósofo francês, Kant via em Rousseau “um destemor, uma independência de pensamento e sentimento que se revelava de maneira ‘incondicional’”¹⁴. Ou seja, apesar de Rousseau “estar distante de qualquer rebelião contra as autoridades constituídas, ele inspirava Kant pela sua forte independência”¹⁵.

Contudo, diante do que foi dito, fica claro que Goethe não era um adepto direto da filosofia kantiana ou partidário de seus ideais. No entanto, não podemos negar também que o poeta não foi influenciado pelo seu contemporâneo, mesmo porque Kant foi um revolucionário no Iluminismo alemão, precisamente no campo das “potencialidades cognitivas *a priori* da razão” e ainda na Filosofia do Direito, “única filosofia política moderna que elevou o desejo de paz de todo ser humano à dignidade de um direito da humanidade”¹⁶. E Goethe é considerado um poeta da vida – que atenta para suas próprias experiências, para a literatura local como para a mundial (*Weltliteratur*). Sendo assim, suas referências são abrangentes, e, por mais que um pensamento não se adeque à sua poética ou à sua ciência, levar em consideração outro ponto de vista é algo primordial para a compreensão do homem e do mundo. E por não ser um extremista com o conhecimento, é que o poeta alemão pôde ter vários estímulos em suas obras, tornando-as, como o *Fausto*, uma criação colossal, repleta de influências platônicas, neoplatônicas, herméticas, cabalísticas, spinozistas e outras. Diz Goethe a seu amigo Eckermann numa conversa datada em 1825:

Se pudesse eu especificar o que devo aos grandes antepassados e contemporâneos, não ficaria muito que referir como sendo meu. Não é indiferente em que época de nossa vida tem lugar a influência duma importante personalidade estranha. Por serem Lessing, Winckelmann e Kant mais velhos do que eu, e terem vivido os dois primeiros na

¹³Tradução nossa. “[...] He, Kant, felt strengthened by Rousseau himself to distrust the ideal of the “beautiful soul” emphasized by eighteenth century ethics. Soon, the philosopher did not reject this ideal, but declared that from it philosophic foundation of ethics. Such a principle he sought not in the beauty of feeling but in the sublimity of the will” (CASSIRER. *Rousseau, Kant, Goethe. Two essays*, p. 15).

¹⁴Tradução nossa. “What always reconciled Kant again to Rousseau, (...) was the fearlessness, the independence of thought and feeling, the will to the ‘unconditioned’ he there encountered” (CASSIRER. *Ibidem*, p. 17).

¹⁵Idem. [...] “For Kant, himself, though far from any rebellion against the constituted authorities was inspired with the strongest sense of independence”.

¹⁶HERRERO. “A ética de Kant”, p. 35.

minha juventude, e o último na minha velhice, foi para mim de grande importância¹⁷.

É por essa razão que tentaremos mostrar como as reflexões de Kant podem ajudar, de certa maneira, na compreensão da tragédia de Gretchen, visto que a personagem reflete, adquire consciência moral e decide entre o amor de Fausto e a liberdade espiritual. Porém, nessa conjuntura, basta saber se a personagem de Goethe é ou não levada por suas inclinações ou ainda se Gretchen¹⁸, no cárcere, tem somente decisões orientadas pelo “puro” uso de sua razão, no sentido que Kant estabelece. Por enquanto, o que observamos, diante de tais asserções, é o quanto a obra de Goethe revela-se grandiosa e rica, já que o debate proposto no drama vai da tradição antiga grega aos contemporâneos, isto sem anular um pensamento em detrimento do outro; pelo contrário, o que temos é uma grande rede de ideias, afins ou não, que, a todo momento, está contribuindo para a lapidação do ser.

Gretchen, suas transformações e as “máximas” kantianas

No decurso da tragédia goetheana, a personagem Gretchen passa por várias transformações, mas nenhuma foi tão significativa quanto a que se dá no cárcere, pois essa mudança interfere diretamente no seu comportamento, na compreensão de si mesma e das coisas ao seu redor. Essas modificações vivenciadas pela bela donzela não foram poucas. Apesar de Goethe não o deixar tão claro, parece até que também não foram lentas, no sentido de que operaria sua própria natureza, e, muito menos, semelhantes, visto que varia desde a transformação emocional, psicológica, até a social, a religiosa e a corporal (já que engravida de Fausto). Tudo se inicia quando Gretchen conhece Fausto e ela tem novos sentimentos e novas inquietações; depois, ao ganhar as joias, outra mudança ocorre: a vaidade manifesta-se: “Em pé que não me sustento!/ Encontro um outro estojo — lá,/ Dentro do cofre, há um momento,/ Com maravilhas! Bem mais rico/ Do que o primeiro, certifico” (v. 2875-2879)¹⁹. E ainda: [...] “Que pena não poder deixar que eu seja/ Vista assim na rua ou na igreja” (v. 2882). Em seguida, enamora-se por Fausto, que, a partir desse fato, agita-se toda a tranquilidade da menina: “Fugiu-me a paz/ Do coração;/ Já não a encontro,/ Procuo-a em vão./ Ausente o amigo/ Tudo é um jazigo,/ Soçobra o mundo/ Em tédio fundo” (v. 3374-3381). E, não menos

¹⁷GOETHE apud ECKERMANN, [s.d], p. 123.

¹⁸Gretchen ou *Margarete* corresponde ao original alemão. Margarida (flor margarida – *Margatenblume*) é como ficou conhecida, nas traduções latinas, a principal personagem do drama *Fausto*.

¹⁹Gretchen em diálogo na casa de sua vizinha Marta.

importante, depois há os infortúnios de Gretchen, com a destruição de sua família e a perturbação de sua alma: “Ai de mim! ai!/ Como fugir dos pensamentos,/ Que me andam contra mim,/ De cá, de lá!” (v. 3794-3797).

Todavia, essas metamorfoses que Gretchen percorre, modificando suas escolhas e suas ações, não demonstram que ela tivera uma consciência moral; pelo contrário, por tais ações – como levar uma bebida mortal a sua mãe²⁰, ou afogar seu filho, mesmo que em delírios –, expressam sinais de que a jovem agiu mais por inclinações do que por uma “máxima da razão”. E o que isso, com efeito, significa? Em função dessas circunstâncias, tudo indica que a jovem, de acordo com as “máximas”²¹ kantianas, não se comporta eticamente, visto que suas ações são praticadas não por dever, mas por tendência, por seus sentimentos. Ao proceder de acordo com seus desejos, Gretchen não analisa as futuras consequências de se entregar a Fausto e ter sua “pureza esvaída”. Assim, além de uma ação condicionada e levada pelo querer, tudo leva a crer que sua intenção foi egoísta, pois esses atos geraram muitas adversidades – inclusive sua própria prisão e condenação. Conforme os preceitos de Kant, a Gretchen “[...] falta a máxima, o conteúdo moral que manda que tais ações se pratiquem não por inclinação, mas por *dever*”²². Dessa forma, “o imperativo que se relaciona com a escolha dos meios para alcançar a própria felicidade [...]” mostra que suas ações não são ordenadas “de maneira absoluta, mas somente como meio para outra intenção”²³ – no caso de Margarida, agir em função do amor de Fausto, como revela nestas palavras ao amado: “Tem algo que eu por ti não faça?/ [...] Olho-te amado, e já não sei que encanto/ Me impele a agir a teu prazer;/ Por ti já tenho feito tanto,/ Que pouco mais me resta ainda fazer” (v. 3514-3520).

Na ótica do filósofo alemão, o valor do caráter, que é moralmente e incomparavelmente o mais elevado, consiste em fazer o bem, não por inclinação, mas por dever. Mas esse dever, ou o autêntico princípio supremo da moralidade, deve ser independente de toda a experiência, ou seja, fundado exclusivamente na razão (*Vernunft*) pura *a priori*²⁴; somente por meio da razão incondicional, o ser é

²⁰Por influência de seu amado Fausto, e para vivenciar volúpias de amor com o mesmo, a bela jovem dá uma bebida a sua mãe, cometendo assim o matricídio. Logo depois desse episódio, Gretchen é encarcerada.

²¹Segundo Kant, máxima ou imperativo categórico da razão “são fórmulas para exprimir a relação entre leis objetivas do querer em geral e a imperfeição subjetiva deste ou daquele ser racional, da vontade humana, por exemplo” (Kant. *Fundamentação da metafísica dos costumes*, p. 49).

²²Ibidem, p. 28, grifo do autor.

²³Ibidem, p. 52.

²⁴Para Kant, “os princípios empíricos nunca servem para sobre eles fundar leis morais. Pois a universalidade com que elas devem valer para todos os seres racionais sem distinção, a necessidade prática incondicional que por isso lhes é imposta, desaparece quando o fundamento dela se deriva da

essencialmente autônomo. Logo, quando falamos em moral e dever em Kant, temos que ter em mente o seguinte:

[...] uma moral da **razão pura prática**, porque é só pela razão que o homem consegue autarquia e se torna autônomo, porque a razão prática é o seu ‘Selbst’ [...] e com isso se torna independente de todas as forças ‘externas’ de motivação. O ser humano é [...] autônomo, não por pertencer a uma determinada comunidade, não por compartilhar com os outros uma determinada tradição, mas por ser sujeito da razão incondicional. É isto que Kant sublinha, é isto que o torna incondicionalmente contemporâneo. Porque se a moral é uma moral da razão pura prática, então seu alcance é inusitado. Primeiro, porque é unicamente a razão que torna o homem incondicionalmente autolegisador. Segundo, porque se a razão é incondicionalmente legisladora, então nenhuma concepção da prudência ou do egoísmo generalizado poderá suplantar o lugar insubstituível da razão²⁵.

Nesse sentido, quando acentuamos que, no cárcere, a mudança ocorrida em Gretchen é expressiva, é porque estamos levando em conta o uso da razão que ela passa a fazer, porém agora de forma inalienável. Nesse aspecto, Goethe dialoga com Kant, não por achar que a razão seja a única e exclusiva a determinar o conjunto de regras e princípios morais para o indivíduo, mas por considerar que ela é uma faculdade importante para o homem – tal como foi nas escolhas de Gretchen no cárcere e também para Fausto, que, quando se vê aflito e angustiado, refugia-se na natureza²⁶ para poder fazer uso de sua faculdade intelectual e, assim, compreender seus próprios sentimentos e suas próprias atitudes, que se tinham movido pela ação desenfreada e por um ávido desejo de tudo ter e de tudo ser. De maneira geral, se não fosse Gretchen tornar-se mais perspicaz – mesmo quando seus sentidos embaralharam-se aos delírios, à culpa, à angústia e à dor –, sua decisão não teria uma ligação direta com a razão; ao contrário, se se tivesse guiado exclusivamente pelos seus sentimentos e pelas suas inclinações, teria decidido fugir com Fausto e escolhido a vida, e não a morte (no cárcere). Mas, ao estabelecer o uso de sua razão, Gretchen escolhe também sua liberdade, algo, para ela, incomparavelmente maior, pois nessa preferência encontra-se também sua redenção (e de modo adverso, encontra-se Fausto, preso ao mundo terreno, limitado aos desejos que sufocam sua alma, mesmo que seja um prazer tão deslumbrante, como o enamoramento com a bela Helena²⁷ de Tróia).

particular constituição da natureza humana ou das circunstâncias contingentes em que ela está colocada” (Ibidem, p. 87, grifo do autor).

²⁵HERRERO. Op. cit, p. 19, grifo do autor.

²⁶Como na cena *Floresta e Gruta*.

²⁷Segundo Mazzari, “Fausto vivencia ao lado de Helena um momento de plenitude, que faz olvidar o passado, desconsiderar o futuro e fruir inteiramente o presente” (MAZZARI. In: *Fausto: uma tragédia: segunda parte*, p. 389). Para obter mais detalhes, ver comentários de Mazzari, *Fausto II*, terceiro ato: *Diante do Palácio de Menelau em Esparta e Pátio interior de uma Fortaleza*.

É interessante observarmos ainda que, para Kant, não somente a moralidade é plena quando puramente racional, mas, da mesma forma, a vontade e a liberdade: “A vontade é uma espécie de causalidade dos seres vivos, enquanto racionais, e liberdade seria a propriedade desta causalidade [...]”²⁸. Desse modo, em todo ser racional imbuído de vontade, encontram-se necessariamente as ideias de liberdade e de razão prática:

Como ser racional e, portanto, pertencente ao mundo inteligível, o homem não pode pensar nunca a causalidade da sua própria vontade senão sob a ideia de liberdade, pois que independência das causas determinantes do mundo sensível (independência que a razão tem sempre de atribuir-se) é liberdade. Ora à ideia da liberdade está inseparavelmente ligada ao conceito de *autonomia*, e a este o princípio universal da moralidade, o qual na ideia está na base de todas as ações de seres *racionais* como a lei natural está na base de todos os fenômenos²⁹.

Ao voltarmos à tragédia de Gretchen, percebemos que, na prisão, a bela jovem tem uma ideia de liberdade moral, mas que incorpora também o desejo, isto é, o plano do sensível. Por mais reflexiva que esteja naquele momento difícil, a heroína não pode livrar-se totalmente de suas inclinações e de suas crenças, porque, se assim o fosse, como poderia entregar-se ao “celeste Poder”?³⁰ É por fidelidade aos preceitos morais e sociais, por amor ao “Pai no eterno trono”, por sua fé inabalável, que sua liberdade eterna e sua salvação efetivam-se, e não por uma “razão pura prática” aos moldes kantianos. Goethe fazendo jus à filosofia da natureza de Rousseau, jamais poderia “condenar” sua personagem principal a se determinar exclusivamente pela razão. Nessa perspectiva, para o poeta, as mudanças de comportamento de Gretchen não se tornam mais fracas porque sua vontade tem uma relação com os “móviles subjetivos”, mas, pelo contrário, ela se torna digna na sua particularidade sensível e corporal ao fazer valer sua verdadeira capacidade de se autogovernar.

Goethe leva em conta a singularidade de Gretchen, de forma que a universalidade, a moral e os costumes não são sobrepostos à sua singularidade. Consoante Kant, de modo diverso, uma doutrina dos costumes mesclada, composta de móveis de sentimentos e inclinações (ao mesmo tempo de conceitos racionais), “muito casualmente [leva] ao bem, mas muitas vezes [pode] levar também ao mal”³¹. Melhor dizendo, para o filósofo, somente os conceitos morais com sede e origem completamente *a priori* na razão, podem determinar infalivelmente a vontade (boa) e a ações submetidas a leis objetivas (do bem). Ademais, o indivíduo que não é unicamente

²⁸Kant. Op. cit, p. 93.

²⁹Ibidem, p. 102, grifo do autor.

³⁰Ou seja, à redenção.

³¹Kant. Op.cit, p. 46.

racional, que se deixa levar pelas condições subjetivas ou contingentes, das afetações, “a relação da razão prática e da vontade empírica devem ser pensadas como obrigação”³². Assim, de acordo com a teoria kantiana, Gretchen, no cárcere, não teria agido por vontade ou liberdade, mas por obrigação ao dever: “Uma vontade que também é sensível e que, portanto, nem sempre age unicamente pela pura representação da lei, esta assume a forma de um imperativo, que se exprime pelo verbo **dever**”³³.

Considerações finais

Logo, não é decisivo decidir se Gretchen agiu ou não segundo “as máximas” de Kant. O interessante é perceber que, para Goethe, o herói não se faz ser apenas quando usa a razão. Trata-se do oposto: o homem é dotado de razão e sentimento, ele é social e natural, singular e universal, e é unicamente da tensão entre esses binômios que é possível uma transformação moral, social, ética, libertária ou religiosa. Gretchen passa a ter conhecimento das coisas presa, no “sagrado asilo”³⁴, mas, antes de tudo, adquire consciência de seu próprio eu, de suas faculdades e de sua própria intuição. É o sentimento que a fez existir, que tornou possível o amor por Fausto e que a levou para outras esferas, mais amplas e sagradas. Com isso, mais uma vez ressaltamos que, no *Fausto*, é possível inferir que a filosofia kantiana, para o contexto goetheano, estaria talvez limitada, pois o homem, para o poeta alemão, está muito além dos cânones da razão: “O homem não nasceu para investigar os problemas do mundo, mas sim para investigar a que importa o problema e para logo nos limites do que é compreensível”³⁵ e sentido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASSIRER, Ernst. *Rousseau, Kant, Goethe. Two essays*. Trad. James Gutmann, Paul e John Herman. New Jersey: Princeton University Press, 1970.

ECKERMANN. *Conversações de Goethe com Eckermann*. Trad. Luís Silveira. [S.I.]: Vega, [Sem data]. (Col. Outras obras).

GALLO, Sergio. *A liberdade de Goethe*. Rio de Janeiro: Zoomgraf – K, 1988.

³²HERRERO. Op. cit, p. 25.

³³Idem, grifo do autor.

³⁴Outro nome designado por Gretchen para se referir ao cárcere (v. 4603).

³⁵GOETHE apud ECKERMANN, [s.d], p. 128.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto: uma tragédia: primeira parte*. Trad. Jenny Klabin Segall; Apresentação, comentários e notas de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: 34, 2004.

_____. *Fausto: uma tragédia: segunda parte*. Trad. Jenny Klabin Segall; Apresentação, comentários e notas de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: 34, 2011.

HERRERO, Francisco Javier. “A ética de Kant”. In: *Síntese*. Belo Horizonte, v. 28, n. 90, p. 17-36, 2001.

KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Trad. Paulo Quintela. Lisboa: 70, 1986.

MAZZARI, Marcus Vinicius. *Fausto: uma tragédia: segunda parte*. Trad. Jenny Klabin Segall. São Paulo: 34, 2011.

_____. Apresentação, comentários e notas. *Fausto, uma tragédia*. Trad. Jenny Klabin Segall. São Paulo: 34, 2007.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. Trad. Lourdes Santos Machado. In: _____. *Os Pensadores*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SCHWEITZER, Albert. *Goethe quatro discursos*. Trad. Pedro de Almeida Moura. São Paulo: Melhoramentos, 1950.

STAROBINSK, Jean. *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.